

Aspectos técnicos de «A ciência, a técnica e a condição do homem na Europa de hoje»

1. É tarefa complexa referir alguns aspectos técnicos sobre o tema em análise porque o homem, como realidade multifacetada que é, não pode ser facilmente dissecado nos seus diversos componentes. Separado da sua unidade, pede a força que resulta da globalidade do seu conjunto.

Com efeito, o ser humano não é nem pode ser encarado como um somatório de aspectos isolados porque cada um deles influencia e é influenciado pelos outros para formar o conjunto que se pode definir como uma grande questão em que entram numerosas variáveis interdependentes.

Perante esta perspectiva algo complexa, mas profundamente real, terei de abordar aspectos técnicos, não necessariamente todos nem a maioria, ligados à Europa de hoje que ela própria já é um limite temporal dinâmico perante a celeridade da vida, dos acontecimentos e da expressão do pensamento.

Quase poderíamos dizer que o «hoje» já passou e o «amanhã» bate-nos à porta.

2. Sempre o Mundo esteve em transformação técnica, animado e inspirado pela força criadora do homem ao servir-se das coisas como instrumentos de realização pessoal e colectiva que mais exigente se torne ququanto mais se progride.

O homem chega a surpreender-se e a interrogar-se perante os progressos que atinge, cria e logo supera. Os avanços nos dias de hoje avaliam-se em «anos de luz» comparados com a situação de há um século e medidas quase siderais temos que empregar para se contabilizarem certos progressos da técnica dos nossos dias que são, afinal, os efeitos duma progressão geométrica de razão muito elevada.

3. A velha Europa acumulou ao longo dos séculos um manancial formidável de tradição, de cultura e de técnica, viveu altos e baixos, períodos de euforia e de crise, mas, mesmo assim, conseguiu sair de si própria para o mundo criando outros polos de desenvolvimento que hoje são como os seus prolongamentos. A Europa cultural e técnica ultrapassou os seus limites geográficos e engloba hoje comunidades de outros continentes em que o pensamento se identifica com o europeu.

Dos construtores das consciências, das catedrais e dos castelos, próprios das épocas mais antigas, a Europa passou para as construções arrojadas ontem apenas sonhadas, hoje talvez já ultrapassadas pelo intenso dinamismo em que se encontra envolvida, retirou das suas áreas agrícolas limitadas produções fantásticas aumentando os rendimentos unitários e baixando os custos de produção, graças a uma técnica que só não se pode considerar fantástica porque ainda hoje se continua a aperfeiçoar e a desenvolver.

4. O progresso técnico procurou dignificar o homem, tornando-o menos escravo do seu trabalho físico, valendo mais pela cabeça que comanda e faz fazer do que pelo músculo que arrasta, carrega ou arremessa os materiais e que mais o aproximaria dos irracionais.

Perante tantas conquistas da ciência e da técnica, pode admitir-se que nada que se pense está fora da capacidade do homem e aquilo que já atingiu fá-lo hoje com menos esforço físico e cada vez mais deç ressa.

A informática e a robótica, entre tantos progressos dos nossos dias, expressão da ciência e da técnica, dão ao homem cada vez mais a superioridade sobre as coisas.

Com um simples carregar de botão é possível desencadear, através de sistemas mais ou menos complexos, movimentos ou acções em que, há poucas dezenas de anos, centenas de homens consumiam as suas forças e, não raro, a saúde e a vida.

Porque cada homem pode, pela evolução técnica, substituir muitos colegas seus na realização de muitos misteres, verifica-se um aumento de tempos livres.

E se eles podem ser razão da dignificação, promoção e aquisição de cultura, não raro nalguns países eles acarretam problemas de ordem moral e social graves como o aumento da criminalidade, do suicídio e da droga que encontram campo mais fácil de implantação nas áreas daqueles que estão desocupados.

Carregar num botão é hoje um pequeno esforço físico pedido ao homem nos países de técnica avançada. *Saber carregar* no botão

exacto já exige competência e formação técnica. Mas, antes de tudo, está a grande tarefa de planificar e construir os sistemas que permitem transformar aquele simples gesto num desencadear de acções mais ou menos complexas. O botão é bem a parte visível do «iceberg» que é a capacidade e o desenvolvimento de técnica.

Devem-se ao homem de hoje conquistas formidáveis. Elas são o resultado, na maior parte dos casos, do somatório de progressos às vezes limitados. Os grandes saltos são próprios dos génios e o mundo é feito de homens comuns onde aqueles não passam de excepções.

A produção unitária mundial de cereais, graças ao somatório de investimentos técnicos diversos, duplicou em meio século e na Europa, onde estes componentes são bem fortes, a produção unitária média aumentou 20% em menos de 10 anos e nalguns países mais de 50% durante o mesmo período de tempo.

À medida que se progride na evolução técnica verifica-se que perante as potencialidades existentes, o que se desconhece é sempre maior que aquilo que já se dominou e isso constitui, sem dúvida, um estímulo poderoso do progresso.

5. A sociedade europeia tem mantido os aspectos culturais que a fizeram e que são uma grande parte da sua essência, criou as suas élites, mas reconheceu que a sua prosperidade estava inteiramente ligada à capacidade dos seus homens. Por isso, ao lado daqueles que, à partida, se distinguiam pela diferença do dinheiro ou dos pergaminhos de família, exaltou e desenvolveu a competência técnica de todos, convencida que uma sociedade estável iguala o legista com o agricultor, pretende que para cada função deve haver o mais apto, que todas elas são dignas e cada um, na sua área de preocupação, tem de esforçar-se para fazer bem o que faz e preparar-se para fazer o que faz cada vez melhor.

E assim, não extremado os homens pelas áreas de actividade, criou uma hierarquia de competência na qual os intelectuais e os operários e os rurais têm o seu lugar numa sociedade em que apenas se procura saber em que medida, dentro das diversas áreas da actividade humana, cada um é mais útil à sociedade que o seu colega de profissão.

Este clima de equilíbrio foi particularmente favorável ao desenvolvimento dos misteres «técnicos» e a Universidade ou a Escola Superior não foi entendida como o único caminho para a formação das élites da comunidade.

Foi assim que a Europa produziu e manteve a grande massa de «técnicos» competentes que aprenderam com facilidade as conquistas da ciência e os resultados da investigação e fazem render «a cem por cento» os recursos disponíveis.

6. Já nos nossos dias a Europa e as suas estruturas produtivas foram profundamente abaladas pela guerra de 1939-45 com o seu cortejo de mortes e vicissitudes, viu o seu território invadido, as suas fábricas arrasadas, as suas barragens demolidas, os campos esventrados pelas bombas ou sovados pelas máquinas de Guerra.

A Europa teve de se refazer, construiu tudo de novo, recorreu a estruturas modernizadas e equipamentos actualizados.

A Europa renasceu das cinzas e com homens e tecnologia moderna caminhou em frente.

7. Portugal teve que se lançar na epopeia dos descobrimentos. Em certa medida virou costas à Europa com a qual tinha contactos esporádicos e nem sempre proveitosos.

Das terras conquistadas ou descobertas vieram riquezas. Os rurais acorreram à cidade para embarcarem nas naus ou para servirem os grandes senhores.

O comércio dominou os interesses, a indústria só timidamente se desenvolveu anos mais tarde, a agricultura era difícil porque o meio era agreste e o agricultor mal preparado e menos considerado.

O contacto com outros povos mais atrasados, sob o ponto de vista técnico, fez dos portugueses reis com pouca coisa, o estímulo ao progresso não foi grande, a não ser naquelas áreas em que tiveram de ser mestres para se manter a vocação escolhida.

País que se conservou essencialmente agrícola, nem por isso se preocupou seriamente em tirar o maior partido das suas potencialidades. Noutros locais do mesmo espaço geo-político a agricultura era mais fácil e rendável.

Só praticamente nos meados do século passado se criou em Portugal o ensino profissional agrícola e outro tanto se passou com o comércio e a indústria que assentavam em actividades artesanais, os seus praticantes tinham na «escola da vida», ou no contacto com os mais velhos, a fonte de formação possível.

Em tempos bem recentes, porque tem pouco mais de 60 anos, pareceu desejar criar-se em Portugal uma fábrica de élites que através dos liceus atingiam as Universidades e, por via deles, o controlo dos

quadros dirigentes e o chamado ensino técnico profissional foi destinado a preparar os quadros dos operários dos artistas e dos agricultores.

Por outro lado, numa política de utilidade muito discutível, esmagou-se uma agricultura já de si atrasada e empobrecida, por um desenvolvimento industrial forçado e pouco competitivo.

Para defesa da estabilidade de preços, quase se matou a «galinha dos ovos de ouro». Os salários baixos provocaram um movimento de emigração desordenada que nos deixou sem os melhores profissionais e sem a escola que eles iam fazendo.

Foram os mais aptos e os mais corajosos que procuraram, sabe Deus com que sacrifícios, os bons salários europeus.

Esta sangria não foi capaz de modificar as estruturas nem o equipamento dum País que ficou mais pobre.

E novo e tremendo erro se praticava. Em vez de dignificar o ensino técnico e profissional, as escolas foram sucessivamente amputadas até desaparecerem num figurino de ensino unificado, estudado e programado para outro tipo de sociedade.

As Universidades foram massificadas e deixaram de poder dar um ensino de qualidade criando-se se aquilo que alguém, com uma certa ironia, chamava um país de doutores e de aspirantes a funcionários públicos.

É nestas condições que entramos na Europa.

É certo que os operários portugueses, quando postos em confronto, se comportam como os melhores mas com certeza não será propósito nosso virmos a ocupar na Europa os lugares que os outros rejeitam.

8. Finalmente teremos que não esquecer que se é importante a vocação europeia que parece termos retomado, Portugal nem se esgota nem se pode esgotar nela.

Talvez por tudo isto se nos apresenta necessário e urgente intensificar os contactos com o terceiro mundo, não necessariamente apenas os países de língua oficial portuguesa, onde as tecnologias intermédias tem ainda larga aplicação e onde os Portugueses, pelo que sabem e pelo relacionamento que são capazes de manter, têm um lugar privilegiado a desempenhar.